

CADERNOS DA NOITE

Machado de Assis se preocupa, em muitas de suas histórias, com a questão do talento e o fato de, na literatura como nas demais artes, serem muitos os chamados e poucos os escolhidos. Adverte, ainda, que a arte exige muito trabalho e transpiração, hora a hora, anos sem fim, para que a inspiração tome rumo e se realize.

A trajetória poética de Alcides Buss, desde *Círculo quadrado* (1970), revela um poeta a olhar o mundo de viés, nos seus avessos e paradoxos. Seus versos, nos livros iniciais, mostram uma intensa preocupação com o social. As dores do mundo ainda constituem uma visão imediata da realidade, que só aos poucos vai adquirindo forma poética. Até *Contemplação do amor* (1991), a palavra parece cumprir um papel substitutivo no ordenamento do real. O fato de ter buscado, desde sempre, um modo novo e próprio de se comunicar, de ter ousado e experimentado muito e, por vezes, com exagero, revela que Alcides Buss intuía a inexistência de caminhos feitos, pois que eles só nascem do fazer.

Na década de 1990, aparecem os livros mais consistentes e amadurecidos de Buss, caracterizados pela descoberta da precariedade dos sentidos e das ideias, dos sinais colocados como esfinges ao longo do caminho. Segundo Adorno, o mal-estar de hoje é que leitores e espectadores substituem aquilo que as obras de arte já não podem mais lhes oferecer “pelo eco destandardizado de si mesmos”. Será preciso, mais uma vez, romper com as verdades estabelecidas, navegar com a palavra em meio a essas contradições e simulacros do real para chegar ao coração da matéria, a um novo patamar de consciência do mundo. Não basta mais clamar contra a injustiça; já amadurecido na luta corporal com a palavra, Buss descobre que o interlocutor mudou e que o homem restou só na cidade imensa: “Sísifo se alojou em mim”, define o poeta em *Sinais/Sentidos*. No seu último livro, acrescenta: “Estou só / e creio que estão todos sós / e tristes. O trajeto de ônibus / é o mesmo de ontem, de sempre”. Em *Cinza de Fênix*, um livro de excelência e um dos melhores do país neste início de século, o autor privilegia e reitera alguns temas: a finitude do amor, o esquecimento, a memória e a transitoriedade, o ser errático e incompleto que somos: “Sob a pele das certezas, / carregamos a morte inumerável de nós mesmos”.

Cadernos da noite surpreende pela ousadia cada vez maior do poeta em revisitar temas e obsessões, mas agora com uma linguagem que ressuma simplicidade e sabedoria. Através da memória, tenta reconstruir uma ponte de transição com a tradição perdida: “Caminho para dentro de mim / até onde me posso alcançar”. E, para um mundo em risco sistêmico, propõe: “um resíduo de sol / carrego lá no fundo / do abismo pós-moderno”. Mas recompõe, mais adiante: “Efêmera é a vida. / Mal pode, alguém, / à deriva de tudo, dar conta / de seu próprio umbigo”.

Cadernos da noite nos dá a certeza de que estamos ante um novo clássico: tem a lavratura certa, o verso na medida exata, a intenção solar. Clássico, pois incorpora o coletivo e lhe confere voz pessoal, inconfundível e única.

Carlos J. Appel